

O PAÍS DA LUTA GRECO-ROMANA

Se o Brasil quiser mesmo ampliar o número de medalhas na Olimpíada do Rio, em 2016, terá de apostar em modalidades ainda incipientes, defendidas por heroicos abnegados

SIMONE COSTA

O COMBATE MILENAR

*Apenas 300
praticantes no Brasil*





O desafio brasileiro para a Olimpíada de 2016, no Rio, é imenso: como conquistar medalhas além do tímido padrão habitual? Tradicionalmente, o país da cidade-sede amplia a quantidade de pódios em comparação a competições anteriores. A Grã-Bretanha conseguiu crescimento de 38% em relação a 2008 — saindo de 47 medalhas, há quatro anos, para 65, em Londres, agora em 2012. A China, em 2008, conseguiu um salto de 59% diante de Atenas, 2004 — foram 100 medalhas contra 63. Para 2016, os cartolas do Comitê Olímpico Brasileiro (COB) estimam de 26 a trinta pódios (dezessete em Londres), num salto de 53% a 76%. “Para ser potência olímpica, um país não pode ser especialista em uma única modalidade”, disse a VEJA Marcus Vinicius Freire, diretor executivo de esportes do COB. “Por isso montamos um plano para privilegiar diversas modalidades.” Historicamente, as nações que ficam entre as dez primeiras colocadas ganham medalhas em treze modalidades — o COB investirá em dezenove para tentar alcançar sucesso nas tais treze. Há as classificadas como “vitais”, caso do vôlei de praia e do judô. As “potenciais”, como boxe e ginástica artística. As “contribuintes”, a exemplo do pentatlo e do tiro esportivo. E aquelas alcunhadas de “legado”, alimentadas hoje para só dar frutos em 2020 e 2024, e das quais fazem parte o hóquei sobre grama e a luta greco-romana.

Um estudo inédito elaborado pela consultoria Condere, de São Paulo, revela que apostar na luta greco-romana — por estranho que soe pôr dinheiro em um esporte ainda na infância no Brasil, com apenas 300 praticantes e seis treinadores com formação completa, que sobrevive do esforço de abnegados em instalações


AS CHANCES DE SUBIR AO PÓDIO

Entre os esportes que nunca ganharam medalhas para o Brasil, mira-se a luta greco-romana, segundo a consultoria Condere, porque a competitividade é baixa

Para definir o grau de competitividade de uma modalidade, dividiu-se o número de atletas participantes em 2012 pelas medalhas disputadas

COMPETITIVIDADE			
BAIXA	MEDIANA	ALTA	MUITO ALTA
Ginástica artística	Canoagem	Atletismo	Remo
Judô	Esgrima	Ciclismo	
Luta greco-romana	Tiro esportivo	Natação	



apenas razoáveis — talvez seja boa ideia para já, e solução para incrementar a seca de medalhas. Ao cruzarem o número de atletas participantes de cada modalidade na Olimpíada de Londres com o ouro, prata e bronze disputados, os analistas da Condere conseguiram identificar os esportes de competitividade baixa e os de competitividade alta e muito alta. Sonhar com conquistas no atletismo, ciclismo e natação, por exemplo, é sinônimo de enfrentar gente grande numa briga dura (veja o quadro ). Ginástica olímpica, judô e luta greco-romana, na outra ponta, são os esportes que permitem buscar vitórias com mais facilidade — e o caso da luta greco-romana é extraordinário porque o Brasil nunca conseguiu medalha nessa modalidade.

A análise da Condere foi mais longe, ao acrescentar aos cálculos o potencial de medalha de cada esporte (dado pela quantidade de prêmios distribuídos numa Olimpíada, donde se conclui ser melhor mirar em provas individuais, mais generosas, que nas coletivas); a força competitiva histórica do Brasil; e o número de concorrentes. O resultado: os esportes tradicionalmente vencedores, como judô e vôlei de praia, são tidos como prioritários, em raciocínio que combina com o do COB. A luta greco-romana — olhe ela aí de novo —, o tiro e o polo aquático, entre outros, têm média prioridade, podem trazer alegria. Hóquei sobre grama? Remo? Melhor passar ao largo, ou ir modestamente (veja o quadro abaixo). “É fundamental fazer escolhas”, diz Paulo Cury, sócio da Condere, um dos idealizadores do trabalho. ■

ONDE PÔR O DINHEIRO

Ao estimar o potencial de medalhas por modalidade, a força competitiva histórica de cada país e o número de concorrentes por medalha, o estudo estabeleceu um ranking de prioridades para o Brasil em 2016

PRIORIDADE		
ALTA	MÉDIA	BAIXA
Atletismo	Luta greco-romana	Handebol
Natação	Tiro esportivo	Hóquei sobre grama
Judô	Polo aquático	Canoagem
Vôlei	Atletismo	Saltos ornamentais
Ginástica artística	Tae kwon do	Esgrima
Futebol	Ciclismo	Levantamento de peso
Boxe	Hipismo	Remo
Vôlei de praia	Basquete	Badminton
Recomendação de investimento: de 45% a 50% da verba total do governo	Recomendação de investimento: de 25% a 30% da verba total do governo	Recomendação de investimento: de 20% a 25% da verba total do governo



LUCY NICHOLSON/REUTERS

ROBLES O cubano fracassou em Londres nos 110 metros com barreiras

O que ruiu com o Muro

Aumentar o número de medalhas de uma Olimpíada para outra é meta unânime, embora o clube de vencedores seja reduzido: de 1992 a 2012, em seis edições dos Jogos, os trinta primeiros países ficaram com 80% dos pódios. Preocupante é quando se dá a queda inexorável. Nos últimos vinte anos, as nações que mais perderam medalhas foram Alemanha, Bulgária e Cuba (*veja no gráfico abaixo*) — e todas pelos mesmos motivos. Com o fim da União Soviética, em 1991, o dinheiro secou para os países que orbitavam ao redor da lua comunista. Cuba, ainda que tenha sido o país da América Latina com mais ouros na Olimpíada de Londres, teve desempenho decepcionante, representado pelo mau resultado de Dayron Robles ao fracassar nos 110 metros com barreiras, contundido. A Alemanha minguou quando o Muro de Berlim caiu, e com ele a farsa da banda oriental, que dopava seus atletas, em especial as campeãs de natação como Kornelia Ender, quatro ouros em 1976. Sem a arqui-inimiga vizinha a provocá-la, numa vertente esportiva da Guerra Fria, a Alemanha Ocidental também freou.

NEWSCOM

KORNELIA ENDER

Eterna sombra do doping da Alemanha Oriental

AS MAIORES QUEDAS

Alemanha, Cuba e Bulgária foram os países que perderam mais lugares no pódio, em números absolutos, nos últimos vinte anos

